

**AELREDO DE RIEVAULX. *Amizade espiritual. Oração pastoral.*  
Trad. Maria do Socorro Coelho; João Paulo de Mendonça Dantas. São  
Paulo: Cultor de Livros, 2017, 138p. ISBN: 978-85-5638-080-7.**

O breve tratado escrito pelo abade cisterciense de Rievaulx (1110-1167), nascido em Hexham (Inglaterra, perto da Escócia), é um dos maiores clássicos sobre o tema da amizade. De nobre família e quase contemporâneo de São Bernardo de Claraval, é igualmente reconhecido por seu temperamento manso (p. 10), recorre também com frequência ao tema do amor, além de ter formado, como o seu confrade, uma abadia-mãe da qual nasceram diversas “filhas” (p. 11). Mesmo sem receber educação escolástica, “atingiu um nível de cultura superior à daqueles que tiveram acesso à instrução completa da ciência escolar” (p. 13). Aelredo (ou Elredo, forma que parece preferível) também está inscrito no Catálogo dos Santos, sendo comemorado no dia 12 de janeiro, data de sua morte.

Conforme observa o Pe. João Paulo na introdução, a obra *Amizade espiritual* (*De spirituali amicitia*) foi redigida ao longo de 20 anos aproximadamente e escrita em forma de diálogo, como o *Laelius de amicitia* de Cícero (séc. I a.C.), obra na qual largamente se inspira. No breve tratado, “Aelredo deseja apresentar uma reflexão sobre a verdadeira amizade (Prólogo, 2)” (p. 16). O abade de Rievaulx também ratifica passagens de Santo Agostinho (em particular das *Confissões*) e da

Sagrada Escritura, entre outros autores em menor escala.

A obra possui um prólogo, três livros e uma breve conclusão. As numerações a seguir, entre parênteses, referem-se às divisões tradicionais da obra, mantidas nesta tradução.

O prólogo é escrito à maneira de confissão agostiniana, abandonando os costumes e as fraquezas da juventude (1), os sentimentos e amores do passado (3) e os projetos de carreira mundana (idem). Mais adiante, depois de ler o referido diálogo ciceroniano (2), os livros sagrados (4) e os Santos Padres (6), o Autor decide “escrever sobre a amizade espiritual para oferecer a mim mesmo [Aelredo] as regras de um amor casto e santo” (6).

O primeiro livro trata da natureza e da origem da amizade. O interlocutor é Ivo, jovem monge de Wardon. Logo no início já enuncia a clave amistosa que almeja, isto é, “que exista um terceiro no meio de nós, o Cristo” (1.1). Com efeito, para Aelredo, Jesus é o princípio e o fim da amizade (1.7), que alcança com Ele a sua perfeição (1.10). Ou melhor, sem Ele não há verdadeira amizade (1.16).

Depois de se basear em Cícero para definir a amizade (1.11), Aelredo traz à baila algumas considerações etimológicas: “Parece-me que o termo ‘amigo’ venha de ‘amor’, e ‘amizade’

de ‘amigo’” (1.19). Ou ainda: “O amigo é como um guardião do amor, ou, como disse alguém, ‘um guardião da própria alma’” (1.20). Essa interpretação é inspirada nas *Etimologias* de Santo Isidoro: “*Amicus, per derivationem quasi animi custos*” (cit. in nota 55, p. 36).

Aelredo também cita várias vezes os Provérbios (17,17): “Quem é amigo ama sempre” e a correspondente interpretação de São Jerônimo: “Uma amizade que pode se apagar nunca foi uma verdadeira amizade” (*Carta* 3,6 cit. in p. 37.49). Ele distingue também a amizade da virtude da caridade (esta pode se dirigir inclusive para os inimigos) e exclui a existência da amizade baseada no vício (1.35). Mais ainda: “quanto mais é honesta tanto mais é segura, quanto mais é casta tanto mais é alegre, quanto mais é livre tanto mais é feliz” (1.36). Por fim, diferencia três gêneros de amizade: a carnal, a mundana e a espiritual. A primeira é baseada no sentimento (afeto), a segunda nos bens temporais e a terceira “é desejada e procurada não porque se intui um ganho qualquer de ordem terrena, não tem uma causa que lhe permaneça externa, mas tem valor em si mesma” (1.45). Os homens desejam naturalmente as amizades, pois sem companhias não haveria como desfrutar os diversos bens ou prazeres da vida (1.60). Por fim, pode-se dizer, em certo sentido, que Deus é a própria “amizade” (*Deus amicitia est*), pois disse São

João a respeito da caridade: “Quem permanece na amizade, permanece em Deus, e Deus nele” (cf. I Jo 4,16).

O segundo livro trata das vantagens e dos limites da amizade. Retoma alguns temas sobre o naturalismo da amizade e sua importância para todas as dimensões da vida humana: “Ela tempera com a sua suavidade todas as virtudes, sepulta os vícios com a sua força, adoça as adversidades, modera a prosperidade, de modo que sem um amigo quase nada entre as criaturas humanas pode ser fonte de alegria. Um homem sem amigos é como um selvagem” (2.10). Com o amigo, partilhamos momentos de alegria e de dor, com ele desabafamos, é ele quem nos ajuda a levantar, é para ele que revelamos nossas confidências. Enfim, “um amigo, diz o Sábio, é um remédio para a vida” (Eclo 6,16) (2.12).

Em seguida, Aelredo trata a amizade como uma espécie de forma de vida santa: “No vínculo da amizade tudo é fonte de alegria, tudo dá uma sensação de segurança, de doçura, de suavidade” (2.19). Os tipos de amizade também se caracterizam pelos chamados “três beijos”: corporal, espiritual e intelectual (i.e. intuitivo). O primeiro é “dado e recebido só em certas condições que o tornam honesto” (2.24), como sinal de reconciliação entre amigos separados ou como sinal de amor entre os esposos. No segundo tipo se fundem os espíritos, “e o Espírito de Deus torna tudo casto e ali permeia com a sua presença o gosto das

realidades celestes” (2.26). O último é o próprio “beijo de Cristo” (2.33).

O abade de Rievaulx defende que não há verdadeiras amizades entre os bandidos (2.36). Com efeito, “a amizade não pode subsistir se não [*sic*] entre quem é bom” (2.41). A verdadeira amizade (espiritual) tem “como base inicial a pureza de intenção, o magistério da razão e o freio da temperança” (2.59). Os defeitos da falsa amizade são o capricho, o afeto (desordenado) que suscita a concupiscência carnal, que busca recompensas. O único prêmio da autêntica amizade é, na realidade, “mergulhar na contemplação Dele [Deus]” (2.61).

Por fim, o último livro, o mais longo, trata da escolha dos amigos e da prática da amizade. A amizade parte de uma atração pela pessoa amada. Esse vínculo, para gerar autêntica amizade, deve se basear antes de tudo na virtude (e não em “certas qualidades físicas, como a beleza, a força, a capacidade de falar” [3.2]). Para além da virtude, o amor de Deus é o próprio fundamento da amizade (3.5). Ademais, “a amizade deve ser estável, quase uma imagem da eternidade, e permanecer constante no afeto” (3.6).

O abade cisterciense enumera ainda os temperamentos que dificultam formar novas amizades. Os primeiros da lista são os irascíveis, que “arruinam a amizade até destruí-la” (3.17). Convém também evitar os instáveis, os desconfiados (estão sempre agitados)

e os faladores (“espera-se mais do insensato do que dele” [Pr 29,20]).

Para o Autor, as amizades arruinadas (devido a diversos fatores, tais como a injúria, “o ultraje, a revelação dos segredos, a arrogância e o golpe de traição” [Eclo 22,27]) devem ser desmanchadas progressivamente, pois é vergonhoso fazer guerra com quem se viveu na intimidade (3.41-42). Para bem ponderar se determinada amizade convém ser dissolvida, é mister analisar quatro elementos: o amor, o afeto, a segurança e a alegria (3.51). Mas o fundamento propriamente da amizade deve ser sempre o amor de Deus. O amigo não pode ser nocivo e tampouco ser “impulsionado pelo furor, desorientado pela superficialidade, arrastado pelo falatório, ou conduzido pela desconfiança a fazer aquilo que não se deve” (3.58).

A amizade deve possuir quatro características (3.61-76): 1) a fidelidade, a mais importante, é fundamental mesmo nas necessidades. A melhor forma de colocar à prova um amigo é durante a adversidade; 2) a intenção, ou seja, sem esperar vantagens; 3) o critério (*discretio*), isto é, com prudência, sobretudo com os descuidados, sob pena de gerar conflitos; 4) a paciência (durante as provações).

Segundo o Autor: “o fundamento da estabilidade e da constância na amizade é a confiança: de fato, nada é estável naquilo que é traiçoeiro” (3.88). Com efeito, a desconfiança é o “veneno da

amizade” (3.89). Inspirado em Cícero – diferenciando-se de Aristóteles, para quem inexistem verdadeiras amizades entre pessoas muito diferentes –, diz Aelredo: “A força da amizade está também em colocar em igualdade o inferior e o superior” (3.90).

O terceiro livro apresenta ainda clássicos *exempla* bíblicos, a saber, o de Davi e Jônatas: “espelho de verdadeira amizade” (3.92) e a atitude de delicadeza de Booz em relação a Rute (cf. Rt 2,8-16), como modo de antecipar os favores em relação aos amigos (3.100).

Para conservar as amizades é necessária ainda a reciprocidade (ao contrário da cobiça), o respeito como ornamento da amizade, os bons conselhos no “que é honesto, com firmeza, clareza e liberdade” (1.104) e a correção fraterna. Esta deve ser desprovida de dureza e de aparências de insulto. Além disso, risos falsos são “fontes de vício” (3.105) e aquele que fecha os ouvidos à correção prepara o caminho para a perdição. Nesse sentido, afirma Santo Ambrósio: “As correções, de fato, são boas, e com frequência são melhores que uma amizade que escolhe o silêncio. Embora o amigo se sinta ofendido, corrige-o da mesma forma. Embora a amargura da correção lhe fira a alma, corrige-o da mesma forma. ‘É melhor suportar as feridas infligidas pelos amigos, que os beijos dos adúladores’ (Pr 27,6)” (*Sobre os deveres* 3, 128 cit. in p. 108 [3.106]). No ato de corrigir, evite-se ainda “a

ira e o ressentimento” e a aparência de agir mais por instinto do que pela razão. Deve-se, antes de tudo, “sentir como seu o defeito do outro”, de modo discreto, com tristeza no rosto, de modo que o outro sinta que a correção “brota do amor e não do rancor” (3.107). Por outro lado, deve-se evitar a hipocrisia (bem como a adulação e o servilismo): “O amigo tem direito à ‘verdade, sem a qual o próprio nome de amizade não tem nenhum valor’” (3.109 cit. de *Lélio* 92). Às vezes, contudo, convém contemporizar.

A conclusão retoma alguns temas fundamentais: a amizade nasce do amor, e começa por amar a si mesmo, purificando-se. A escolha dos amigos não seja feita por impulso sentimental ou por motivos superficiais. A amizade precisa se basear na virtude e não num negócio lucrativo (3.131), sem adulação ou falsidade. O amigo deve ser franco, discreto no falar, aceitar com paciência a correção, ser constante e equilibrado. A oração mútua é também indispensável. Aelredo não segue a doutrina estoica segundo a qual deveríamos ser amigos de todos os homens, mas defende que “apenas poucos” podem ser nossos amigos. Por meio desse pequeno número de amigos se irradia a caridade de alguma forma a todos, e assim: “Deus será tudo em todos” (I Cor 15,28) (3.134).

O volume contém ainda um outro opúsculo do abade de Rievaulx denominado *Oração pastoral*, “um



resumo de sua vida espiritual” (A. LE BAIL. *Aelred de Rievaulx*. In: DSp I, 1937, p. 229-230, cit. in p. 123). Comenta o Pe. João Paulo a respeito: “Cristo é apresentado à luz do Evangelho de São João como o Pastor bom e pio, a quem Aelredo confia a sua própria vida e a da comunidade monástica que lhe foi confiada” (p. 123).

Não foi analisada a tradução da obra por inteiro. Tomemos apenas o seu *incipit*, cuja versão latina extraímos da edição *Corpus Christianorum: Continuatio Mediaevalis (Aelredi Rievallensis Opera omnia*, v. 1, p. 287): “1. *Cum adhuc puer essem in scholis, et sociorum meorum me gratia plurimum delectaret, et inter mores et uitia quibus aetas illa periclitari solet, totam se mea mens dedit affectui, et deuouit amori; ita ut nihil mihi dulcius, nihil iucundius, nihil utilius quam amari et amare uideretur*”.

Eis a tradução oferecida (p. 27): “Quando, ainda jovem, frequentei a escola, a graça dos meus colegas encantava-me, e assim, entre os costumes e as fraquezas que normalmente tornam arriscada aquela idade, entreguei-me com toda a alma e consagrei-me ao amor: nada me parecia tão doce, tão alegre, tão gratificante quanto ser amado e amar”.

Vale observar que a palavra “*uitia*” seria, ao que parece, melhor traduzida para “vícios” mesmo, pois nem todo vício é necessariamente “fraqueza”. Além disso, quando diz “entreguei-me

com toda a alma”, faltou o complemento: “ao afeto” (*affectui*). Em outra parte (p. 62), logo no início do n. 2.38, traduz-se *breuiter dico* por “consequirei (*sic*) rapidamente”, o que carece de sentido completo.

À guisa de conclusão, vale a pena fazer uma observação importante. Na atualidade, a obra se tornou famosa por supostamente revelar um amor (inédito) de Aelredo pelos monges, para além do espiritual (isto é, carnal). Essa interpretação foi seguida por alguns autores contemporâneos.

Em primeiro lugar, é mister considerar que a *Amizade espiritual* não contém qualquer referência direta a esse assunto. E mesmo que o trecho inicial citado acima se referisse a um amor carnal – o que é bastante discutível –, trata-se de um episódio antes da conversão do santo de Rievaulx. Ressalte-se, ademais, que ele sustenta com frequência o papel da castidade e das virtudes cardeais na amizade. Aliás, o objetivo da obra é, como enuncia o próprio título, tratar da amizade *espiritual*.

Em segundo lugar, este tipo de hermenêutica tendenciosa revela, em geral, o equívoco de alguns autores contemporâneos em analisar as obras medievais. Não é raro que queiram interpretá-las mesmo sem a competência literária para tal e, pior, inserindo por todos os lados o fermento da lascívia, típico da mentalidade pós-moderna (e não medieval). Em sentido inverso, não

se pode chamar de “medieval” tudo o que é supostamente retrógrado... Muitas vezes, infelizmente, esse tipo de crítica parte de quem alardeia tanto em acabar com os preconceitos.

Na realidade, as teses acerca da amizade propostas por Aelredo possuem um profundo vínculo com as Escrituras, com o *corpus* patrístico e com os textos da tradição filosófica, em particular, de Cícero.

Este clássico tratado sobre a amizade leva-nos a refletir sobre as nossas

próprias amizades, sobre o que é ser verdadeiramente amigo e antes de tudo como ser amigo de Cristo pela prática das virtudes. Se somente quem é virtuoso pode ser autenticamente amigo, apenas o virtuoso discerne a autêntica amizade espiritual da amizade carnal. Eis, aliás, uma grande lição deste autor medieval para os escritores contemporâneos.

*Felipe de Azevedo Ramos, EP*  
(Professor – IFAT)